

Alunos questionam ensino tradicional

263

Pesquisa com 3.026 estudantes paulistas revela que adolescentes querem aprender coisas práticas, do dia-a-dia, na escola

Os adolescentes têm mais a dizer sobre a escola em que estudam do que imaginariam pais, professores ou diretores. Eles não têm dúvida de que é importante estudar, acham que a escola é útil e gostam de freqüentá-la. Mas não fazem apenas elogios. A maioria mudaria muita coisa no jeito de ensinar se tivesse algum poder para isso.

Uma pesquisa conduzida pela empresa paulista CPM Marketing Research, em maio deste ano, mostra que os estudantes não apenas recebem as matérias, estudam e tentam passar no vestibular. Eles pensam sobre a escola. "Eles questionam tudo, querem mais espaço para falar", explica Oriana White, coordenadora do estudo.

A afirmação explica porque 83% dos estudantes dizem que inventariam outra forma de ensinar as matérias. Oriana explica que os alunos não costumam duvidar do que professores e diretores sabem. Entretanto, preferiam pensar mais sobre as maneiras com que gostariam de aprender. "Eles reclamam que a atual forma de ensino os deixa cansados porque não parece ter utilidade prática", conta ela.

Foram 3.026 estudantes entrevistados em São Paulo, a maioria de escolas particulares, de classe alta e entre 16 e 17 anos. Na primeira parte da pesquisa, os entrevistadores criaram três grupos, que discutiram a relação com as escolas. Desses grupos, foi tirada a base para o questionário, feito de várias frases com as quais os estudantes devem concordar ou não.

O perfil que surge das respostas não é animador. Algumas cobranças não são novidade para especialistas em educação. Ao contrário, são consideradas como a base da educação moderna. Mas, aparentemente, ainda não chegaram à maior parte das escolas.

DROGAS

Uma delas é refletida pela frase "o que é ensinado deveria ser exemplificado com coisas do dia-a-dia" — 79% dos entrevistados concordaram com ela. Foi a terceira mais votada, atrás apenas da que afirma que estudar prepara para a vida, e de uma que trata da grande preocupação de pais, estudantes e professores: a droga nas escolas.

"O adolescente hoje é muito crítico, ele não aceita mais a simples imposição de conteúdos", diz Leonardo Fraiman, mestre em psicologia educacional e orientador de uma escola paulista. "Ele quer saber o que vai fazer com aquilo que estão lhe ensinando". Se o professor não souber responder, cai vertiginosamente no conceito dos alunos — um perigo para quem lida com adolescentes, sempre inclinados à rebeldia incontrolável.

Essa afirmação está ligada a outra das frases com que os estudan-

tes mais concordaram: existem matérias para as quais eles não vêem utilidade alguma. Uma falha que, segundo Leonardo Fraiman, está ligada à própria origem das escolas. "A escola foi criada para uma sociedade industrial e deveria formar pessoas para a linha de produção, não um ser que pensasse, que criticasse", diz.

Fraiman diz que, por esse raciocínio, não é de se admirar que os resultados da pesquisa tenham mostrado uma insatisfação geral. "A escola ainda trabalha num sistema fechado, de disciplina rígida, sem diálogo, sem cooperação", afirma. A mudança tem que partir mesmo dos estudantes, mais críticos que a geração anterior, e de suas famílias, que têm que passar a ver a escola como algo que estão consumindo.

ECO BRASILIENSE

A pesquisa foi feita em São Paulo, mas encontra eco entre alguns estudantes em Brasília. Khamila Pereira Silva, 16 anos, e Ana Carolina Soares Mesquita, 15, cursam o 1º ano do 2º grau em uma escola da Fundação Educacional do Distrito Federal. Duas das principais queixas das meninas estão também nos primeiros lugares da pesquisa paulista: os problemas de comunicação dos professores e o desconhecimento da utilidade das matérias que têm que aprender.

Khamila e Ana Carolina sofrem principalmente com os professores de contratos temporários — a solução que a fundação encontrou para suprir a falta crônica de docentes. "As vezes é muito difícil entender o que eles explicam", conta Ana Carolina. Outro desejo das meninas é saber porque estão estudando determinada matéria. "Nunca um professor chegou para nós e explicou porque a gente estava estudando aquilo ou no que fámos poder usar o aprendizado", reclama Khamila.

UTILIDADE

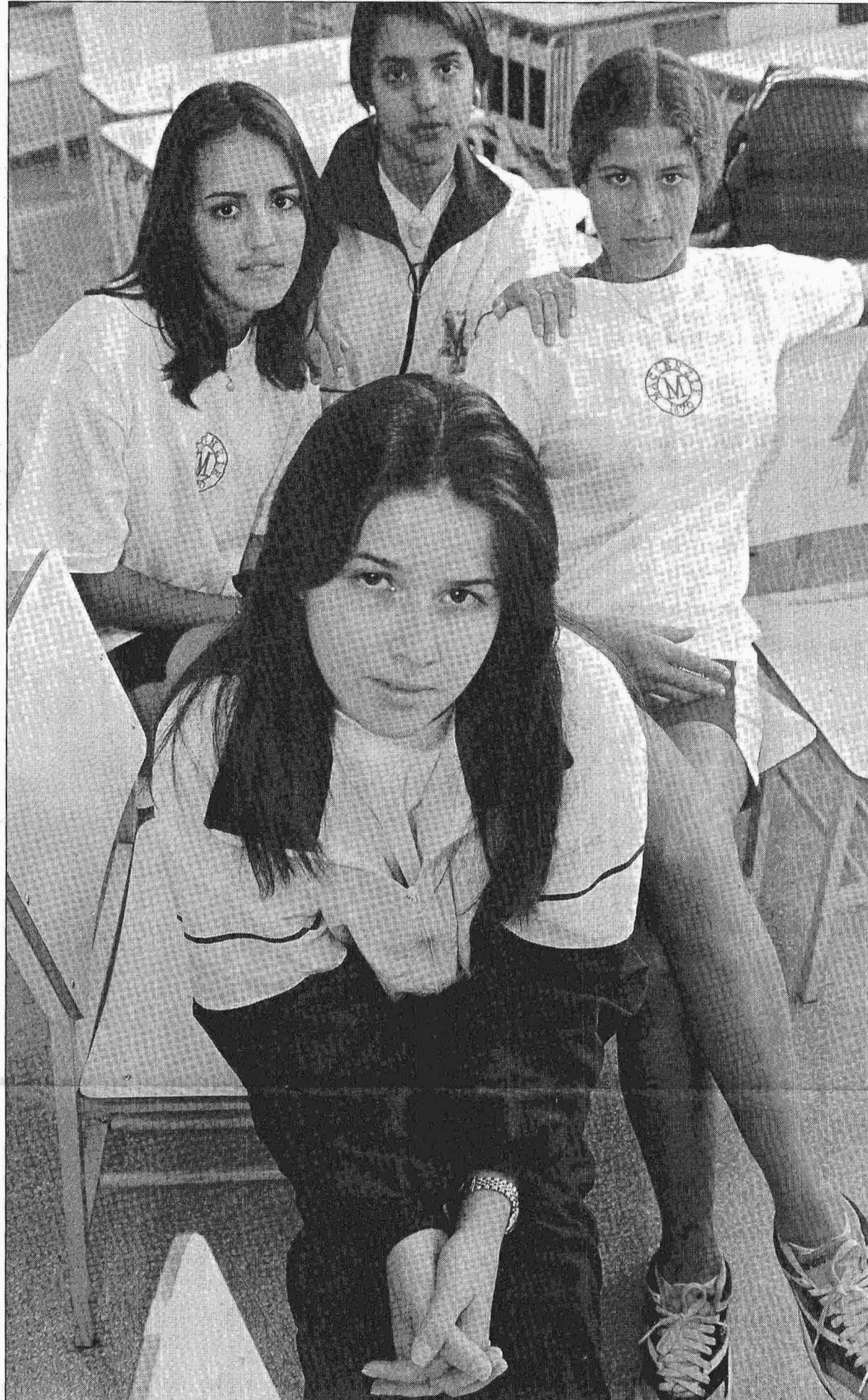
Juliana Rangel, Camila Ramos, Fernanda Mazali e Dalila Constantino têm muito menos queixas da sua escola, um grande colégio particular de Brasília. "Na maior parte das nossas aulas os professores se preocupam em dar exemplos do dia-a-dia para que a gente entenda melhor", garante Dalila.

Mesmo assim, elas concordam que há matérias cuja utilidade prática é difícil de entender. "Seria melhor se a gente pudesse optar por aquelas matérias que vamos estudar na faculdade", explica Juliana.

De escolas particulares ou públicas, num ponto as meninas concordam 100%: a freqüência tem que ser obrigatória. "Se não fosse, não ia ter nem cinco alunos na sala", diz Khamila. Entre os paulistas, 42% são contra a obrigatoriedade.

Essa afirmação está ligada a outra das frases com que os estudan-

Anderson Schneider

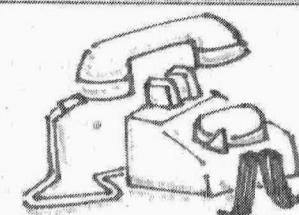


Eco: estudantes de Brasília concordam com paulistas mas são favoráveis à freqüência obrigatória às aulas

O QUE OS ESTUDANTES PENSAM DA ESCOLA

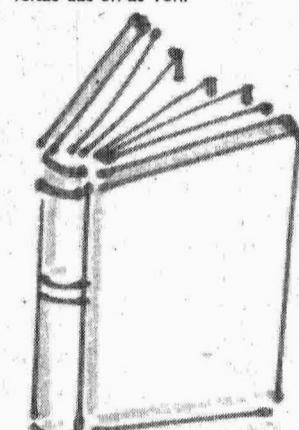
PERCENTUAL DE CONCORDÂNCIA

"É preciso estudar, pois a escola prepara para a vida"	90%
"Drogas são um problema grave nos colégios"	80%
"O que é ensinado deveria ser exemplificado com coisas do dia-a-dia"	79%
"Seria bom ter atividades diferentes, como teatro, dança etc"	79%
"Os professores deveriam ter aulas de comunicação para dar aula direito"	77%
"É mais fácil prestar atenção quando o professor brinca com a classe"	74%
"A escola me prepara para discutir vários assuntos"	68%
"Há matérias que não servem para nada"	68%
"Seria melhor se pudessem opinar na maneira que as aulas são dadas"	67%
"Seria melhor se os estudantes pudessem pensar mais a respeito das coisas, e não elas que viessem prontas"	50%



GRAMÁTICA

A Secretaria de Educação do Paraná decidiu dar uma mãozinha para quem sofre com as regras do português. Criou um Tele-gramática. O serviço, atendido por professores, dá respostas para qualquer tipo de dúvida. Quem ligar, paga apenas o preço da ligação interurbana para o Paraná, mas nenhum tipo de taxa extra. O telefone é (041) 225.1233 e as ligações podem ser feitas das 8h às 18h.



EXPO 2000

O Brasil é o país que mais teve projetos selecionados para a Expo 2000, que será em Hanover, na Alemanha. Foram 13 até agora. A feira, que acontece entre os meses de junho e outubro, pretende mostrar novos caminhos para o relacionamento entre o homem, a natureza e a tecnologia. Um dos projetos brasileiros selecionados é o Biblioteca Viva, financiado pela Fundação Abrinq. O programa instalou 93 bibliotecas em 12 cidades brasileiras.



RATOS

Ratos de laboratório expostos a sonatas de Mozart antes e depois do nascimento são capazes de aprender a completar o caminho em labirintos mais rápidos e com menos erros do que aqueles expostos a música minimalista, algum tipo de barulho ou silêncio total. A descoberta foi feita por cientistas da Universidade de Wisconsin (EUA). Os neurologistas responsáveis pela descoberta explicam que os ratos conseguem gravar o que aprenderam com mais facilidade. Eles defendem que o cérebro é controlado pelo tipo de experiências iniciais feitas, e que a riqueza de experiências melhoram a habilidade de pensar.

ESPAÑOL X INGLÊS

No ano letivo que começou esta semana nos Estados Unidos, escolas da Califórnia estão tendo que enfrentar um duro desafio: o fim da educação bilingüe, que dominou durante anos as escolas da região. Ensinar crianças em outra língua que não o inglês foi proibido por uma lei aprovada em abril deste ano. Cerca de 1,4 milhão de estudantes na Califórnia não falam inglês.